



## **CASACA: O SOM CAPIXABA NA MÍDIA**

**Carla Pollake da Silva**  
**mestranda da Universidade Metodista de São Paulo**  
**UMESP**

**Colaboração**  
**Rachel Ferreira e Silva**  
**graduanda em jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo**

### **RESUMO**

Este trabalho pretende mostrar o surgimento do “novo” congo capixaba; uma releitura do congo popular (tradicional). Se o som das casacas e tambores, antes, se restringiam às festas populares de rua, agora, misturado ao som das guitarras, baixo e teclado, caiu no gosto dos jovens – crianças e adultos também – e da mídia.

Há cerca de cinco anos vem acontecendo um movimento de valorização da música capixaba, e se viu a necessidade de divulgação da mesma. Cada vez mais forte, esse movimento ultrapassou os limites do estado e a ‘nova’ música, com som típico capixaba, pode ser ouvido em outros estados e até mesmo fora do país.

Palavras-chave: congo - popular - releitura – mídia - folkmídia



## **CASACA: O SOM CAPIXABA NA MÍDIA**

1. Introdução.....	3
1.1 Procedimentos metodológicos.....	4
2. Espírito Santo: componentes culturais e identidade capixaba.....	5
2.1 Congadas e Bandas de Congo.....	9
2.2 Bandas capixabas: a nova leitura da tradição revitaliza a cultura local.....	11
3. Folkmídia: do congo tradicional aos palcos (e à mídia).....	12
3.1. Banda Casaca: a música capixaba na mídia.....	16
4. Conclusões.....	18
5. Bibliografia.....	20



## 1. Introdução

Enquanto é fácil a assimilação da imagem ao “personagem” gaúcho ou baiano, por exemplo, com o capixaba a coisa não é tão simples assim. Quem mora no Espírito Santo ou já visitou o estado pode indicar a panela de barro e/ou a moqueca capixaba como pontos de referência. O problema é que, nacionalmente, pessoas de outras regiões do país pouco sabem do Espírito Santo e não atribuem a ele nenhum tipo de identidade. O estado chega a ser confundido com parte do Nordeste, e não do Sudeste, e daí talvez venha o dito que “o Espírito Santo é o primo pobre do Sudeste”.

O fato de estar entre os eixos de desenvolvimento do país, Rio-São Paulo-Minas Gerais, sempre atrapalhou o desenvolvimento do Espírito Santo desde os primórdios de sua história. “Não fosse a obra dos jesuítas, por certo, o Espírito Santo poderia ser aquilo Varnhagen (1975) descreveu ‘Uma capitania com tão boas terras, com um porto excelente, com rios navegáveis para o sertão’ e completamente abandonada por mais de três séculos.” (BITTENCOURT, 1998, p.17)

Mas, ao contrário do que muitos imaginam, o Espírito Santo tem uma identidade forte e um folclore peculiar, com componentes culturais formados pela influência de seus colonizadores, catequisadores e, mais tarde, imigrantes.

Uma das manifestações culturais mais fortes do Estado são as Festas de Congo (congadas) realizadas principalmente para homenagear São Benedito, padroeiro e santo, muito devotado entre os negros. Por ser uma festa simples, que emerge das classes populares composta principalmente por negros pobres, moradores de vilarejos e/ou vila de pescadores, a elite quase nunca se interessou em participar, nem ao menos em conhecer. Poucos eram os capixabas que tomavam conhecimento de suas raízes, sua cultura, e as manifestações que ela emergiam.

Mas esse quadro, aos poucos, está se modificando, pelo menos no que diz respeito ao Congo. Bandas, formadas em geral por jovens capixabas, começam a introduzir junto às guitarras e baixos, instrumentos do congo como os tambores e a casaca (instrumento típico

capixaba). As batidas e ruídos antes só escutados nas procissões e congadas, agora se misturam ao ritmo do rock e reggae e assim estão sendo divulgados por todo o estado, e mesmo para o Brasil.

3

Algumas bandas capixabas que aderiram ao “som da terra” já ganham destaque e conquistam a mídia nacional. A Banda Casaca (capixaba desde o nome) é tratada neste estudo como objeto principal, a fim de demonstrar como este fenômeno está contribuindo para o desenvolvimento do orgulho de ser capixaba e o interesse pela própria cultura.

Aqui, identificaremos, dentro dos conceitos de *folk mídia*, como se dá a relação onde a mídia se apropria da cultura popular, a recodifica, transformando o tradicional popular em produto consumível por todas as camadas sociais; promovendo assim a sua ampla divulgação.

### **1.1 Procedimentos metodológicos**

A pesquisa envolveu um somatório de procedimentos na perseguição do entendimento do fenômeno, a saber: quais os principais componentes da cultura capixaba; as principais formas de manifestações das congadas e bandas de congo; quando e como a mídia começou a interagir, a se interessar, pelo congo e por último, qual a importância que têm essa retomada da cultura popular pela mídia.

Em um primeiro momento foi realizada uma pesquisa bibliográfica para que se pudesse conhecer e contextualizar a história do Espírito Santo, suas raízes e seus principais componentes culturais. Também foram necessárias leituras mais detalhadas sobre as Festas de Congo ou Congadas, para que se pudesse conhecer melhor suas peculiaridades em cada região do país.



A seguir, realizamos entrevista<sup>1</sup> com a Banda Casaca<sup>2</sup> a fim de conhecer melhor o trabalho da banda, que se utiliza prioritariamente dos instrumentos do Congo para produzir o seu som.

Inclua-se entre os procedimentos, a busca de informações em sítios na internet, em matérias de jornais (impresso e TV), programas de rádio e de televisão, e em revistas locais.

---

<sup>1</sup> – realizada por telefone devido a agenda esgotada para o mês de janeiro

<sup>2</sup> – Em 2002 foi eleita, pela segunda vez consecutiva, a melhor banda do Estado.

## 2. Espírito Santo: componentes culturais e identidade capixaba

Antes de falar dos elementos que constituem as tradições capixabas, vamos abordar um pouco o “capixaba”, a origem da denominação que a princípio era somente dada aos que nasciam na capital e agora se estende (popularmente) a todos os nascidos no Espírito Santo. A versão corrente, aceita entre os eruditos, concorda com a idéia de que o *capixaba* significava, primitivamente, no século XVI, a *lavoura* ou *roça de milho* que se estendia da atual rua Barão do Monjardim, centro de Vitória – pouco mais de 50 metros de rua - até a região que hoje faz fronteira com a Capitania dos Portos. Guilherme dos Santos Neves, segundo Oscar GAMA FILHO (2001)<sup>3</sup>, estudou o assunto propondo uma nova teoria:

*Creio que o primeiro a propor essa versão foi o visconde de Beaurepaire Rohan, em seu Dicionário de Vocábulos Brasileiros, onde se pode ler, no verbete Capixaba: ‘Os habitantes da cidade de Vitória têm o apelido de Capixabas por causa de uma fonte<sup>4</sup> que ali existe e donde bebem’ (...) Aceita*

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Folkcomunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

*essa hipótese o Tem. Cel. Ruy Almeida, professor do Colégio Militar, do Rio: ‘Os filhos da ilha de Vitória, hoje capital do formoso Estado, receberam esse apelido (Capixaba), não diretamente da palavra designativa de Roça, Roçado ou Plantação, mas das fontes de que bebiam água de excelente qualidade e que brotavam entre as plantações.*

Menezes de Oliva, também segundo Oscar GAMA (2001), concorda:

(...) Teodoro Sampaio consigna o termo tupi CAPIXABA, como significando a lavoura, a roçada. Certo, para o início das plantações, teriam escolhido sítio em cujo local houvesse uma fonte, indispensável à vida dos seus habitantes e à rega da terra e que ficou sendo conhecida como a FONTE DA CAPIXABA, isto é, a fonte da lavoura, da roçada aberta no seio umbroso da mata.

---

<sup>3</sup> - Texto retirado da internet – ver referências bibliográficas.

<sup>4</sup> – A tal fonte ainda existe. Fica na Gruta da Onça, na rua Barão de Monjardim – centro de Vitória, e abasteceu a cidade por muitos anos, até o início do século XX

Entendendo um pouco a origem da denominação dos nativos do Espírito Santo, podemos prosseguir no relato das bases culturais capixaba.

A formação cultural de um povo está intimamente ligada à história do estado, e talvez nisso o Espírito Santo tenha se perdido um pouco já que ficou estagnado por mais de trezentos anos - servindo basicamente de barreira para impedir o tráfico de cana-de-açúcar entre o Rio de Janeiro e a Bahia.

Guilherme dos SANTOS NEVES (1968)<sup>5</sup>, faz uma referência no que diz respeito à cultura capixaba, diz que o Espírito Santo possui um variado e rico acervo de tradições populares, em especial o folclore. Ele reafirma a influência de outras culturas:

Esses fatos folclóricos, o Espírito Santo os recebeu e adaptou: do contingente colonizador português; da contribuição negra que da África lhe veio; da presença nativa de seus índios; do convívio com imigrantes que aqui se fixaram em suas terras: açorianos, italianos, alemães, poloneses; do contato com gentes dos estados limítrofes; do intercâmbio, maior ou menor, com elementos de outras regiões brasileiras.



Portugal foi quem mais influenciou o folclore capixaba: costumes, crenças, devoções, festa, lendas, histórias, ditos, provérbios, juras, xingamentos, lendas e adivinhas como quase todo o seu cancionero musicado ou não.

No teatro popular capixaba (Lapinhas, Reis-de-boi...) deve haver algo do teatro jesuítico, já que muitas canções, até hoje entoadas durante o ciclo de Natal pelos capixabas, intercalam versos de pequenos dramas de Anchieta (Padre José de Anchieta).

Os negros – como ocorre em quase todo o Brasil – deixaram o registro da sua permanência no Espírito Santo: nos batuques, nos tambores (região norte), e nos jongs e caxambus (especialmente no sul); na cabula e outros aspectos do folclore mágico; na música e no ritmo das bandas de congo (litoral e interior); na culinária doméstica; na fala popular; nas crendices e superstições.

---

<sup>5</sup> – o artigo foi escrito em 1968, mas o texto foi retirado da internet por esta pesquisadora

Mas grande parte da influência da cultura capixaba se deve aos imigrantes e seus descendentes. Os açorianos - primeiros imigrantes a chegar no Estado, em 1812, estabelecendo-se em sua maioria na área em que hoje está o município de Viana - deixaram hábitos, crenças, modismos de linguagens, trovas, cantigas, romances velhos (o da *Barca nova*, o da *Nau Catarineta*, por exemplo), talvez o uso frequente da viola e versos a ele referentes. Da colonização italiana, alemã e polonesa (municípios de Afonso Cláudio, Domingos Martins, Santa Leopoldina, Santa Tereza, Ibirapu...) há vestígios na fala da região, na culinária, em algumas técnicas de trabalho, em vários “ritos de passagem” (nascimento, noivado, casamento, morte), no canto e na música, nos jongs e folguedos, nos costumes de época (Natal, Páscoa, Finados...)

Também há no folclore capixaba – não decorrente da colonização – alguma coisa do cancionero popular francês (rodas e jogos infantis: passa a ponte; onde está a margarida?; eu



sou pobre, pobre, pobre; Teresinha de Jesus...) cuja presença no folclore infantil talvez se deva às professoras francesas (irmãs do São Vicente de Paulo) que se instalaram no Colégio do Carmo (Vitória) a partir de 1900. (NEVES, 1968)

Os estados vizinhos também foram grandes influências, principalmente o folclore baiano. O norte do estado – principalmente os municípios de Conceição da Barra e São Mateus, além da área do vale do Rio Doce, zona cacauzeira – recebeu forte influência da Bahia, sobretudo nos hábitos e costumes populares mantidos através dos tempos pela população miscigenada, onde é notória a presença do negro. Dentro do chamado “folclore mágico”, essa região capixaba repete a Bahia, com seu culto a vários “orixás”. Em algumas localidades de Conceição da Barra e São Mateus, ainda perdura o ritual afro-brasileira da *Cabula*, cuja presença foi verificada e pesquisada, na região, por D. João Batista Côrrea Nery, primeiro bispo do Espírito Santo, quando de sua visita pastoral em 1900.

Ainda de procedência baiana, grande parte de sua culinária tradicional persiste nessa região norte do Estado: o vatapá, as moquecas; os muxás, a papa, a canjica, a pamonha (todas de milho verde); o arroz de forno, os beijus de coco, a farinha de coco, os manués, a baba-de-moça, os papos-de-anjo, a ambrosia, os quindins, as queijadinhas.

7

Da região do ouro – Minas Gerais – dramatizações como os Cabocleiros (“dança ou brinquedo de Caboclos”) se fixaram nos municípios de Mantenópolis e Barra de São Francisco (noroeste do Estado) e no município de Itaguaçu (centro-oeste). No campo da fala popular, termos e expressões diversas, muitos deles trazidos ao povo capixaba pelos tropeiros de Minas Gerais.

Do Rio de Janeiro (influência da cultura canavieira), certa presença do populário fluminense, inclusive no setor lúdico (cantos e danças, como por exemplo a Mana Chica) e, particularmente, dentro do ciclo do Natal, a constância de Folias de Reis em vários municípios sulinos: Guaçuí, Mimoso do Sul, Cachoeiro de Itapemirim, São José do Calçado, Apiacá..

É interessante notar que, mesmo das regiões mais distantes, especialmente do nordeste, há presença acentuada no folclore capixaba. São numerosos os elementos folclóricos de

procedência nordestina, que enriquecem o patrimônio tradicional capixaba: os Reis-de-boi (réplicas dos Bumbas-meu-boi), as Marujadas (de Conceição da Barra e São Mateus); a Marujada “São Paulo” (do morro dos Alagoanos, em Vitória); o Alardo – luta de cristãos e mouros – de Conceição da Barra; as “gestas” de cangaceiros (Cirino, Rio Preto, Vilela...); romance da *Vaca Formosa* (Vila Velha); estórias versificadas de bichos; tudo isso (e muito mais) se infiltra no folclore capixaba – material caracteristicamente do nordeste – graças, principalmente, aos vários núcleos nordestinos que no Espírito Santo se estabelecem desde muito tempo.

Tudo isso constitui o folclore no Espírito Santo.

Há, porém, dois aspectos populares que (*parece*) – pouco existem em outras regiões do Brasil – representam o folclore do Espírito Santo: as festas de mastro e as bandas de congo.

Mastro de santos houve ou há em vários estados. Grupos musicais populares, também. Mas a Festa do Mastro e as Bandas de Congo capixabas são diferentes. Por quase todos os recantos do Espírito Santo, principalmente nas áreas que compreendem os municípios de Vitória, Cariacica, Serra, Aracruz, Fundão, Ibirapu, Alfredo Chaves, Guarapari, Colatina, São Mateus, Conceição da Barra - se realizam as fases em que se divide a festa: a cortada e a puxada e a fincada do mastro.

8

E não há puxada de mastro (grande ou pequena festa sem barca, conduzindo o mastro aos ombros dos devotos) sem *Bandas de Congo*. Estas são grupos de homens rudes com rude instrumental sonoro: tambores, bombos, cuíca, chocalhos, ferrinhos (triângulos), pandeiros e “casacas”, sendo este último de procedência genuinamente capixaba. Aos sons desses instrumentos, homens e mulheres cantam velhas e tradicionais toadas, em que há referências a coisas da escravidão, Guerra do Paraguai, aos santos de devoção popular, às sereias do mar, ao amor e à morte. As Bandas de Congo persistem no Espírito Santo. Delas há notícias que datam do século XIX. (NEVES, 1968)

Como se pode verificar, ao contrário do que muitas pessoas (principalmente os próprios capixabas) supõem, existe uma identidade capixaba, onde são detectadas várias particularidades que só são encontradas nessa pequena área do Brasil. João Gualberto

Vasconcelos (1998) sintetiza bem essa realidade: “O Espírito Santo tem um processo de criação de identidade coletiva nascida no trabalho. Não existe ausência de identidade cultural – como querem alguns analistas – existe uma identidade pouco festiva (no sentido de pouco celebrada, divulgada) talvez.”<sup>6</sup>

## 2.1 Congadas (congo) e as Bandas de Congo

Segundo o Atlas Folclórico do Brasil (1982), *congo*, *congada*, *congado*, *terno de congo*, *guarda do rosário* e outras, são denominações de uma manifestação folclórica em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito, patronos dos negros, encontrada, em suas múltiplas variantes, em todos os estados brasileiros.

Na maioria dos estados se configura como manifestação mais destacável da congada, a cerimônia de coroação de reis e rainhas negros, tendo como exemplo a dramatização do Rei do congo com a sua Fidalguia e a Embaixada da rainha Ginga com parte do seu exército e fidalguia.

---

<sup>6</sup> – Texto retirado do resumo de um paper do autor – ver referências bibliográficas

### Segundo a descrição de Guilherme Santos Neves (1978),

*No congo capixaba (em especial o Ticumbí - parêntese meu)* não figura nenhuma rainha Ginga, nem príncipe Sueno, nem mametos, nem quimbotos ou qualquer feiticeiro, nem o Rei D. Henrique Cariongo. Também não há mortes nem ressurreições, nem coroações de reis ou rainhas. É, assim, o baile de congo capixaba muito mais simples e menos dramático do as representações mencionadas, Mas, sem ponta de dúvida, participa ele da classificação exposta por Oneyda Alvarenga (Música popular brasileira) no terceiro tipo, ‘ cortejo real a que se segue uma embaixada de guerra, com episódios de combate’. O nosso congo tem o seu enredo, o seu assunto-fio, que se desenvolve longa e demoradamente na repetição dos bailados, dos cantos e das embaixadas. (p. 33)

No Espírito Santo, o Congo tem suas festividades próprias. Por exemplo, a festa do “Congo de Máscaras”, realizada pela Banda de Congo de Santa Isabel. Ele sai em cortejo por três dias pelo interior do município de Cariacica, mais especificamente de (na localidade de) Roda D’água, e termina no dia de Nossa Senhora da Penha, padroeira do estado.

Seus integrantes tocam instrumentos, cantam e apresentam-se com máscaras por eles mesmos confeccionadas. A festa é realizada três vezes ao ano: uma no domingo de ramos, outra no domingo de Páscoa e a última no dia de Nossa Senhora da Penha, todas com o “cortejo de máscaras” e a apresentação da Banda de Congo. As máscaras dão o toque singular nesse festejo que, apesar de sua antiga realização, não existe registro na

**antiga bibliografia capixaba do folclore e, justamente pela presença delas, nenhum paralelo ou semelhança com outros festejos de Congo no Espírito Santo e no Brasil.**

Outro diferencial de destaque são as *Bandas de Congo*, conjunto musical típico do folclore capixaba. Os primeiros registros impressos da existência, com descrição dos ritos, das bandas de congo são do século XIX. Dentre os instrumentos utilizados pelos componentes das bandas de congo – tambores, chocalhos – há um tipo especialmente criado no Espírito Santo, a casaca. Uma espécie de reco-reco, mas com características peculiares.

Chama-se *casaca*, no Espírito Santo, um instrumento formado geralmente de um cilindro de madeira – numa de cujas extremidades se esculpe uma cabeça – escavado numa das faces, em que se prega uma lasca de bambu com talhos transversais, sobre os quais se atrita pequena vara ou haste de pau. (NEVES, 1980, p. 14). A casaca poderia ser confundida com um reco-reco simples, não fosse a cabeça talhada e seu corpo em formato de manto – que é de onde vem a expressão “casaca”.

10

As Bandas de Congo são tão importante referência no estado que têm suas próprias apresentações, não precisando necessariamente de um cortejo para acompanhar. Há encontros de Bandas de Congo que acontecem, geralmente, nas cidades da Serra, Cariacica e Vila Velha, que fazem parte da Grande Vitória. Na Serra, por exemplo, é a própria prefeitura que organiza o encontro. As bandas também se apresentam em eventos oficiais (aniversário de cidade, posses, etc.), universidades. Podemos dizer que as Bandas de Congo são a “Orquestra Sinfônica Popular” do Espírito Santo.

## **2.2 Bandas capixabas: a nova leitura da tradição revitaliza a cultura local**

É verdade que, apesar da rica cultura que o Espírito Santo agrega, poucos eram os capixabas que ao menos conheciam essa herança. Os moradores dessa região conheciam mais das tradições mineiras, cariocas e baianas (vizinhos que também contribuíram para a nossa formação cultural). Usamos o verbo no passado – conheciam - pois esse quadro parece estar se alterando no estado.

A partir dos anos 90 começou a acontecer um movimento de revitalização, e valorização, da cultura capixaba, principalmente na música capixaba. Bandas, geralmente formadas por jovens, que antes estavam a procura do sucesso usando o rock, reggae e ritmos já conhecidos, começaram a descobrir os instrumentos da cultura popular capixaba – especificamente o *congo* - como os tambores e a casaca.

A primeira banda a fazer a sucesso com a experiência de unir o rock ao som regional foi a *Maninal*. Foram eles próprios que criaram a expressão “rockcongo” para nomear o novo ritmo que misturava a cultura local com a música pop mundial. *Água de Benzer*, de 1996, foi o primeiro grande sucesso que conquistou o público capixaba. Daí em diante a banda

conquistou vários prêmios no estado, nacionais e até mesmo internacionais. Assinou contrato com a Polygram e fez turnê na Europa, alcançando grande sucesso. Hoje a banda se apresenta pouco no Espírito Santo, enfraquecendo assim os laços com suas raízes, pois também mudou seu som, mas não podemos tirar o mérito de ter sido uma das pioneiras no incentivo à utilização dos elementos culturais “da terra”.

11

Outras bandas capixabas se fortaleceram no cenário musical do estado (e nacional). O público que antes ignorava as tradições capixabas e ouviam as bandas do cenário nacional, agora comparece e prestigia os shows das bandas locais. Compra cd's, forma fã-clubes. Foram os sons das batidas de tambores e das casacas que conquistaram o público capixaba.

O sucesso das bandas cresceu tanto que a mídia se rendeu. Foram criados programas de rádio especialmente para bandas locais, e a partir de 1999 foi criado o “Dia D”, festival que reúne as principais bandas do estado, que na edição de 2002 –realizada em 8 de julho - reuniu cerca de 20 mil pessoas.

As festas de Congo em homenagem a São Benedito, que acontecem por todo o estado, tiveram seu público aumentado nos últimos dois anos – após a explosão das bandas jovens capixabas. Em festa realizada no dia 28 de dezembro de 2002, na Barra do Jucu – Vila Velha/ES, o cortejo em homenagem ao santo, realizado ao som das Bandas de Congo tradicionais, com seus tambores e suas casacas, foi acompanhado por cerca de 800 pessoas; número elevadíssimo comparado a apresentações passadas.

Como se percebe, a auto-estima do capixaba começa a florescer, junto com o interesse pela sua própria cultura. A música, mesmo que com uma nova estrutura, uma releitura, utilizando os instrumentos típicos da terra, conquistou o público que sempre esteve a sua espera; só precisava de alguém para lhe apresentar.

### **3. Folkmídia: do congo tradicional aos palcos ( e à mídia)**

Antes de entrarmos propriamente no estudo folkmediático deste trabalho, precisamos fazer um retorno, breve e esclarecedor, a respeito do processo de *Folkcomunicação* – de onde deriva a folkmídia. Luiz Beltrão, jornalista, – criador do termo *folk* – a partir dos estudos para sua tese de doutorado, 1967, “descobriu” que haviam outras formas de comunicação além da as advindas da elite, através da grande mídia. Essas “comunicações” eram realizadas através

de manifestações culturais populares – folclore -, entre os “marginalizados” e “excluídos” que não tinham acesso à grande imprensa. Para Beltrão,

*Folkcomunicação é o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, idéias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore.*(BELTRÃO, 2001, p.79)

12

Beltrão constatou que os ditos “marginalizados” – aqueles que não tinham acesso ao que a grande mídia e sua elite divulgavam - possuíam seus líderes de opinião dentro das próprias comunidades, e que a comunicação entre eles ocorria de forma horizontal.

Ou seja, “o que caracteriza o sistema de folkcomunicação, portanto, é a familiaridade linguística e simbólica do agente-comunicador com os grupos “marginalizados” e acessibilidade dos “marginalizados” ao meio que agente-comunicador utiliza (D’ALMEIDA, 2002, p.5)

O processo folkmediático vem trazer para o meio dos “marginalizados” e “excluídos” exatamente o seu instrumento anterior de exclusão, a mídia.

Alfredo D’Almeida realizou um estudo sistemático sobre os conceitos a até aqui desenvolvidos a cerca dos processos de folkmídia. Segundo D’Almeida (2002), para Roberto Benjamim, a folkmídia é apenas um termo criado para designar os canais específicos utilizados pelos comunicadores populares nas manifestações folclóricas – o folheto, da literatura popular; os bonecos do mamulengo.

Continuando, Alfredo D’Almeida afirma que é dessa maneira que, ainda hoje, estudiosos como Roberto Benjamim o utilizavam.

*Porém, é inequívoca a sua vinculação à concepção de comunicação como a adotada pelo Ciespal – a de que a comunicação por si só era capaz de gerar desenvolvimento – e à de ferramentas ou meio ideal (D’ALMEIDA, 2002, p. 7)*

D’Almeida prefere, no entanto, concordar com a definição de Joseph Luyten. Este entende a folkmídia como o campo da comunicação que se propõe a investigar a presença de elementos da cultura popular pela mídia de massa e analisar a maneira como são utilizadas. Nas palavras de Luyten,

*Julgamos conveniente destacar o termo folkmídia como significativo de utilização de elementos folkcomunicacionais pelos sistemas de comunicação de massa. Acreditamos, desta forma, estarmos*

*colaborando para um entendimento melhor de um fenômeno que se torna cada vez mais evidente em uma época como a nossa, em que o inter-relacionamento das várias formas distintas de comunicação vão se revestindo de interesse cada vez maior da parte dos estudiosos do fenômeno geral a que chamamos Comunicação Social (LUYTEN, 2002)*

13

**Alfredo D’Almeida (2002) simplifica, “em outras palavras, cabe ao pesquisador interessado na Folkmídia identificar como os sujeitos das *mass media* (re)interpretam e utilizam elementos da comunicação popular.” (p.8)**

**Essa linha de pesquisa vem crescendo e são muitos os estudos realizados nesta área – principalmente na Universidade de Brasília e nos estados do Nordeste. No entanto, o pioneirismo em implantar a *Folkmídia* como disciplina nas universidades é do Prof. Dr. Joseph Luyten. Na Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo, dentro do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, ele criou, e ministra a disciplina denominada “*Folkmídia*” que estuda os fenômenos folkcomunicacionais e folkmidiáticos brasileiros. A disciplina tem estimulado muitos professores da graduação a começar a expor – e explorar - o assunto junto aos seus alunos.**

**Devido à importância percebida dessa linha de pesquisa decidimos acompanhar um desses fenômenos no Espírito Santo, que se transformou na proposta deste trabalho. O presente estudo consiste em verificar como as bandas capixabas, antes direcionadas ao rock, reggae e outros ritmos globais, fizeram uma releitura, uma remontagem dos ritmos populares do Espírito Santo – no caso, o congo – “criando” a música popular capixaba, conquistando a mídia local e nacional – a mesma mídia que sempre ignorou as manifestações culturais do folclore capixaba.**

**Não é difícil perceber essa falta de interesse por parte da grande mídia pelas manifestações populares/folclóricas. Isso não ocorre particularmente no Espírito Santo, e nem somente no cenário musical. Por exemplo, quantas emissoras de rádios no Brasil têm uma programação voltada à música popular brasileira? Poucas, e menos ainda quando tratamos da música regional. É certo que encontraremos algumas instituições, como a Rádio Cultura FM de São Paulo (103,3 Mhz) que tem um ou dois programas<sup>7</sup> que se destinam a este tipo de música, mas temos consciência que estes casos são exceções.**

---

<sup>7</sup> – no caso da Rádio Cultura FM de São Paulo (103,3Mhz), existe o programa “Veredas”, transmitido aos domingos a partir da zero hora, e às sextas a partir das 22h. Cada programa tem duas horas de duração e toca ritmos regionais como o congo, o maracatu, etc.

14

**Essa constatação pode ser confirmada também na televisão e no impresso. Quantos programas de TV têm como fio-condutor a cultura regional? Quais mostram as manifestações culturais de determinada região? Somente algumas manifestações mais abrangentes, como o carnaval, merecem destaque, e assim mesmo a maior atenção fica voltada à festa realizada no Rio de Janeiro e na Bahia.**

**No impresso não é diferente. Grandes matérias são destinadas as famosas “micaretas”, que nada tem de manifestação cultural, enquanto as festas locais podem ocupar uma nota dizendo onde ocorrerá, e a que horas.**

**Percebemos o grande desinteresse por parte da mídia, e em alguns casos pela própria população, aos eventos tradicionais do folclore local. Mas há alguns casos, isolados, onde já podemos perceber que a mídia se rende ao popular quando a própria população se interessa e busca suas raízes. É o que está acontecendo no Espírito Santo. O congo, através de bandas integradas por jovens capixabas, caiu no gosto popular e o ritmo antes ignorado pela mídia e pela própria população, é o principal motivo de orgulho no estado. A mídia se rendeu à preferência do público.**

**É verdade que o congo agora apresentado não é mais aquele onde um grupo, na sua maioria senhores e senhoras negros e pobres, dança e canta ao ritmo dos tambores de congo e das casacas, saudando seus santos de devoção, com pés descalços em vilarejos sub-urbanos. Agora o ritmo capixaba é apresentado em cima de palcos, com tambores e casacas misturados à guitarras, baixos e teclados. É a mistura da tradição com a modernidade.**

**E é aqui que entra a *folk*mídia, onde os agentes-comunicadores da dita “elite”, se apropriam de elementos do folclore, da cultura popular, os recodifica e os devolve à grande massa, fazendo com eles se tornem algo amplamente divulgado, além de vendável, é claro.**

O Congo e suas festas, antes pouco conhecidos pelos próprios capixabas, agora é a principal referência cultural do estado, arrastando milhares de pessoas aos vilarejos onde acontecem as festas; antes praticamente só presenciadas pelos próprios festeiros.

Mas o congo caiu no gosto geral por causa da mídia realizada em cima das bandas e do “novo” ritmo? Não, ao contrário. A mídia caiu nas graças do “novo” congo ao perceber que a população estava aderindo ao ritmo, a esse movimento da revitalização da cultura capixaba, mesmo sem a presença e o estímulo da imprensa.

As congadas e as bandas de congo existem no Espírito Santo praticamente desde existência do estado; vieram com os escravos. E somente agora, no século 21 ganhou o espaço merecido através de uma releitura, uma reestruturação de seu ritmo, trazido ao grande público através de bandas formadas por jovens (os agentes-comunicadores) que na sua maioria cresceram dentro da tradição do congo.

É necessário, antes de prosseguirmos descrevendo esse fenômeno, destacar as principais modificações realizadas no que se refere às bandas de congo tradicional para que o ritmo se tornasse algo popularesco. Aqui mostramos duas modificações. A primeira: os

instrumentos. A essência do ritmo, os tambores e a casaca, ficou, mas foi somada ao ritmo das guitarras, dos baixos e do teclado. Uma outra modificação: as letras. As melodias do congo sempre tiveram um caráter de subserviência já que eram cantos vindos de negros e escravos. Sempre embaladas por “sinhô e sinhá”, as canções eram melancólicas. Agora, com a nova roupagem, as letras falam de amor, alegria, congo, em letras leves, de fáceis refrões e rimas.

Assim percebemos que, para o congo tradicional chegar ao público maior e à mídia, do original só permanece a essência. Contudo, foi assim que a população teve conhecimento de suas próprias tradições, podendo assim conhecer a manifestação tradicional que originou àquele ritmo que os conquistou.

Esses processos folkmediáticos foram realizados por bandas capixabas como o *Manimal* e o *Casaca*. Esta mostrada em maiores detalhes no item a seguir.

### **3.1 Banda Casaca: a música capixaba na mídia**

Apesar de a *Manimal* ter sido uma das bandas pioneiras a unir tradição e modernidade, vamos relatar aqui a trajetória de outra banda, mais recente, mas que se tornou um ícone da música da capixaba por se identificar com a cultura local, a começar pelo nome: *Banda Casaca* (capixaba desde o nome).

A banda nasceu na Barra do Jucu, na cidade de Vila Velha. O vilarejo, reduto de caixaras e surfistas, é um recanto que preserva as raízes capixabas através das suas bandas de congo. Em novembro de 1999, um grupo de nove amigos (alguns moradores, outros frequentadores da Barra) se reuniram e começaram a fazer um som na praia. “Como a Barra é um lugar muito visitado por pessoas de outros estados e países por

causa dos campeonatos de surf, resolvemos mostrar para esse pessoal qual era o som da terra”, explica<sup>8</sup> Vinícius Gaudio, tocador de casaca da banda.

Como a maioria dos integrantes fazia parte da banda de congo local, utilizavam os próprios instrumentos (casacas, tambores), misturados ao som da guitarra, violões e teclado, compondo suas letras. A música caiu no gosto popular e menos de 3 meses depois, especificamente no dia 1º de janeiro de 2000, a banda fazia seu primeiro show. Daí em diante

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Folkcomunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



a popularidade aumentou freneticamente; o 1º CD, produzido de forma independente chegou a vender 50 mil cópias.

Diferentemente do *Manimal* que aliou o congo ao rock (rockongo), o *Casaca* escolheu o ritmo de guitarra “a la reggae” para acompanhar os tambores. Gaudio acredita que o sucesso da banda veio pela empatia do “novo” ritmo junto ao público capixaba: “as pessoas acharam o som diferente, gostaram, ficaram curiosas em saber de onde havia saído aquele som”.

É interessante saber que os integrantes da banda não foram movidos pelo modismo. Todos eram – e são – integrantes das bandas de congo da Barra. Alguns já tocam casaca há 14 anos. E mesmo com o atual sucesso continuam participando das tradicionais festas de congo. Três dos integrantes são guardiões do mastro de São Benedito da banda de congo da Barra. Aqui podemos refletir sobre como a forma de manifestação popular foi repensada para um público mais amplo. Os jovens pensaram uma nova forma de mostrar o congo para os próprios capixabas.

A partir do sucesso da banda Casaca, o número de pessoas que passou a se interessar em conhecer o congo, e mesmo outras expressões da cultura capixaba aumentou consideravelmente. “As pessoas nunca prestigiaram o que era daqui. Se estão lotando os shows é porque estão valorizando a nossa cultura. Despertar o orgulho de ser capixaba é o nosso maior prêmio”, declara Vinícius Gaudio.

Com tanto sucesso a mídia local foi atrás. O grupo fez propaganda para um novo shopping (Shopping Praia da Costa), para a C&A, para o Governo, foram padrinhos do McDia Feliz 2002, enfim, participaram de programas de televisão, cederam entrevistas em rádio, jornal, e estiveram aonde quer que a mídia pudesse noticiar o sucesso da “nova” musicalidade regional.

---

<sup>8</sup> – em entrevista por telefone, 10/01/2003.

Após o imenso sucesso na mídia local, foi a vez da grande mídia “cercar” a banda. A Sony fechou contrato com o *Casaca* ainda em 2001. Relançou o 1º CD da banda, e colocou no mercado o 2º. Este não é mais o “congo roots” do 1º disco, mas o folclore do ES é presença constante no CD da gravadora.

Além de fazer shows por todo o país (Salvador, Porto seguro, Ceará, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Ipatinga, etc) participaram ativamente de programas de televisão. Estiveram no “Altas Horas”, apresentado por Serginho Groisman, da Rede Globo, no canal a cabo Multi Show, no programa É Show, apresentado por Adriane Galisteu na Record, e ainda teve seu clip “Anjo Samile” exibido na MTV. A mídia, com a ajuda da gravadora, rendeu-se ao talento dos meninos e ao ritmo regional da banda.

Com toda essa repercussão nacional, O grupo quer dar continuidade ao que já faz no Espírito Santo, sem perder a humildade: "A disposição é grande. Nós queremos trabalhar muito, estamos numa fase ótima, mas não vamos esquecer nunca que, na essência, somos os mesmos que tocavam no chão, na Barra do Jucu.", revela Renato.

Por mais jovem e novo que seja, o Casaca realmente não esquece de suas raízes: uma prova disso é que no repertório do novo álbum está presente a música "Meu Santo Antônio", folclore de todas as bandas de congo do Espírito Santo, adaptada por Renato e Jura<sup>9</sup>.

Com a descrição da trajetória da banda, podemos perceber como a mídia pode se apropriar da cultura popular regional para transformá-la em consumível por todas as partes do país – e não somente por seu local de origem. Apesar de alguns fatores nocivos – como, por exemplo, a mudança de sentido da letras das congadas populares - existentes neste processo, não podemos – nem devemos - esquecer que de uma forma ou de outra, a mídia está colaborando para difusão das culturas locais.

---

<sup>9</sup> - Componentes da banda. A banda Casaca é formada por Renato Casanova (vocaís), Jura Fernandes (guitarras, violões de aço e de 12 cordas), Thiago Grillo (tambor), Flavinho (tambor de repique), Jean (tambor de condução), Vinicius Gaudio (casaca), Periquito (casaca e caixa), Augusto Galvêas (teclados) e Marcinho (baixo).

#### 4. Conclusões

Podemos verificar através do fenômeno *folkmediático* estudado, que aqui houve um processo inverso. Ou seja, normalmente a população de determinada região é conhecedora de

sua cultura, do seu folclore e das manifestações culturais peculiares à sua região, a partir desse conhecimento toma gosto – ou não - pelas releituras que dela são realizadas. Aqui, o processo foi inverso. O grande público primeiro conheceu a releitura do ritmo das Bandas de Congo capixabas, tomou gosto por esta, e a partir daí teve seu interesse voltado a conhecer as manifestações folclóricas do congo que acontecem por todo o estado.

Retomando o conceito dado por Joseph Luyten à *folkmídia*, identificamos os sujeitos que (re)interpretam e utilizam elementos da comunicação popular na elaboração de novos produtos (no caso, os sujeitos são as bandas formadas por jovens capixabas) para o grande público, e conseqüentemente, para a grande mídia.

Identificamos a forma com que fizeram isso: ou seja, unindo os tambores de congo e casacas ao ritmo de guitarras, baixos e teclados, e ainda, modificando o teor das canções, que no congo tradicional são melancólicas e subservientes, para temas leves como a amor, a natureza e as próprias festas de congo.

Verificamos também que em uma banda em especial, a *Casaca*, os integrantes do grupo já tinham contato com as manifestações populares, conheciam e participavam das *Bandas de Congo da Barra do Jucu*, e por isso, puderam fazer uma releitura baseada no folclore que já conheciam, ou seja, esta banda e seus componentes não foram produtos exclusivamente criados pelo modismo; como é comum acontecer no Brasil.

Pudemos concluir, que neste caso específico, a divulgação do ritmo do congo, realizado através de novos arranjos, aliando tradição e modernidade, despertou o interesse do capixaba pelas “coisas da terra”, e ainda lhe tirou o estigma de “povo sem referências” do sudeste. Ele deixou de consumir as culturas vizinhas (músicas vindas do Rio de Janeiro, Minas e Bahia) para prestigiar seu próprio ritmo.

O comparecimento em massa dos capixabas a shows de bandas locais - o Festival “Dia D” chega a reunir 20 mil pessoas - , e posteriormente, o aumento de pessoas que vão assistir às apresentação de Bandas de Congo, Puxada de Mastro, etc. mostram que o capixaba está se interessando pelas suas raízes e criando o orgulho de ser capixaba.



Fenômenos como o aqui estudado devem estar espalhados por todo o país, como já previra Luiz Beltrão, e reavaliaram seus seguidores como Roberto Benjamim, José Marques de Melo e Joseph M. Luyten.

O campo da *folkmídia*, e da própria *folkcomunicação*, são novos, porém promissores tendo em vista que o Brasil é um país rico em cultura popular e são inúmeras as possibilidades de processos comunicacionais dentro destes ambientes.

## 5. Bibliografia

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2001.

\_\_\_\_\_. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo. Cortez Editora, 1980.

BITTENCOURT, Gabriel. *Historiografia capixaba & Imprensa no Espírito Santo*. Vitória : Edit, 1998.

D'ALMEIDA, Alfredo. *Folkmídia: a mediação da cultura popular pelos meios de comunicação de massa, de Beltrão a Luyten*. Trabalho apresentado à disciplina de “Folkmídia”, no programa de pós-graduação da Universidade Metodista de São Paulo e no Seminário Interdisciplinas da Univ. Cásper Líbero, em novembro/2002.

\_\_\_\_\_. *Caravana Farkas: uma simbiose entre cinema documentário e folkcomunicação*. Revista Idade Mídia, ano 1, nº2. São Paulo : UniFIAM-FAAM-FACOM, 2002.

FILHO, Oscar Gama. *O capixaba Metafísico: identificação cultural capixaba*. Disponível em: <[www.gazetaonline.com.br/estacaocapixaba/](http://www.gazetaonline.com.br/estacaocapixaba/)> Acesso em 30 abr. 2001.

LUYTEN, Joseph M. *Folkmídia, nova acepção da palavra*. Trabalho apresentado no V Folkcom – Santos (SP) – maio de 2002 e no XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom – 2002 – Salvador, Bahia.

\_\_\_\_\_. *Sistemas de Comunicação Popular*. São Paulo : Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. Conceito de Folkcomunicação. In: QUEIROZ E SILVA, Roberto (org.) *Temas básicos em comunicação*. São Paulo : Paulinas,/Intercom, 1983.



MARQUES DE MELO, José – *Teoria da Comunicação: Paradigmas Latino-Americanos*, Petrópolis : Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_.(org.) *Mídia e folclore. O estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão*. Maringá/São Bernardo do Campo: Faculdades Maringá/Cátedra Unesco: UMESP, 2001.

\_\_\_\_\_.(org.). *Pesquisa e comunicação no Brasil: tendências e perspectivas*. São Paulo, Cortez/Intercom/CNPq, 1983.

NEVES, Guilherme dos Santos. *Folclore Capixaba. A Gazeta*, Vitória, 23 de maio de 1968. Disponível em : <[www.gazetaonline.com.br/estacaocapixaba/](http://www.gazetaonline.com.br/estacaocapixaba/)> Acesso em: 30 abr. 2001.

\_\_\_\_\_. *Folclore brasileiro – Espírito Santo*. Rio de Janeiro : Ministério da educação e Cultura / Funarte, 1978.

\_\_\_\_\_. *Bandas de Congos –Cadernos de Folclore n. 30*. Rio de Janeiro : Ministério da Educação / Funarte, 1980.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. Petrópolis : Editora Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *Mídia Comunitária*. In. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo : UMESP, 1998.

VASCONCELOS, João Gualberto. *O trabalho como matriz de uma identidade cultural*. Paper apresentado na 21ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia – 05 a 09/04/1998 – UFES. Texto retirado do caderno de programas e resumos do encontro.

*Outras fontes*

Atlas Folclórico do Brasil – *Espírito Santo* / MEC – SEC – FUNARTE – Instituto Nacional de Folclore – 1982

### **Sítios**

[www.ocasaca.com.br](http://www.ocasaca.com.br)

[www.gazetaonline.com.br](http://www.gazetaonline.com.br)

[www.manimal.com.br](http://www.manimal.com.br)

[www.centraldamusica.com.br](http://www.centraldamusica.com.br)



Para mais informações sobre  
este trabalho, entrar em contato:

*Carla Pollake da Silva*  
*Universidade Metodista de São Paulo*  
*cpollake@hotmail.com*